

TEORIA/PRÁTICA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E AS EXIGÊNCIAS DE PERFORMATIVIDADE

Lucielma Bernardino Coelho de Arruda¹
Kátia Silva Cunha²

RESUMO

O presente trabalho é um recorte de uma dissertação³ que trata da formação continuada dos professores de Biologia no Estado de Pernambuco. No mesmo, abordamos questões que permeiam a formação continuada dos professores, tais como: os desafios dessa formação; o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação; a relação teoria X prática, ente outros. Como referencial teórico fundamentado no campo da formação de professores apoiamos-nos em Lopes (2004), Lopes e Borges (2015), Lopes e Dias (2009) e Dias e Jurema (2015), apresentando esse campo na disputa sobre a possibilidade/impossibilidade de completude e finitude dessa formação. Bem como, trazemos Krasilchik (2008), Bizzo (2002) e Cachapuz, Perez e Carvalho (2005), ao tratar da relação teoria/prática no ensino de Biologia. Através de uma abordagem qualitativa, cujos dados foram obtidos através de entrevistas semiestruturadas e de análise documental, propusemos, pelo viés da análise do discurso, uma discussão a respeito dos processos formativos, analisando os impactos na atuação e no pensar docente. Como resultados, de uma forma geral compreendemos que os discursos a respeito da formação continuada são abordados nos documentos oficiais a partir da perspectiva da performatividade e meritocracia, essa percepção se opõem ao anseios docentes, pois no processo de produção de dados os mesmos evidenciam a necessidade de uma formação mais humana, solidária e cooperativa.

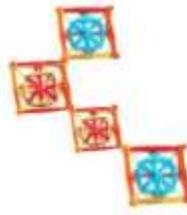
Palavras-chave: Formação continuada; relação teoria/prática; performatividade.

INTRODUÇÃO

¹Professora da Educação Básica; Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ensino de Ciências e Matemática do Centro Acadêmico do Agreste Universidade Federal de Pernambuco – PPGECM/CAA/UFPE; Integrante Laboratório de Pesquisa em Políticas Públicas, Currículo e Docência – LAPPUC/CNPQ; E-mail: lucielmabernardino2@gmail.com;

²Professora Adjunta da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/Brasil/Pernambuco/Caruaru). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGECM) e do Programa de Pós-Graduação em educação Contemporânea (PPGEDUC). Professora do Núcleo de Formação Docente, no Centro Acadêmico do Agreste. Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco e Pós-Doutorado pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Líder do Grupo de Pesquisa: LAPPUC – Laboratório em Pesquisa de Políticas Públicas, Currículo e Docência. E-mail: kscunha@gmail.com

³ O artigo é fruto de Dissertação de Mestrado defendida e aprovada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ensino de Ciências e Matemática do Centro Acadêmico do Agreste Universidade Federal de Pernambuco – PPGECM/CAA/UFPE, em 26/02/2019.



Esse estudo apresenta a questão da formação continuada (FC)⁴ de professores para o ensino da disciplina de Biologia em turmas de Ensino Médio na Rede Estadual de Pernambuco. Nele discutimos os discursos acerca da FC presentes nos Parâmetros de Formação Docente (PFD/PE)⁵ e sua materialização no cotidiano docente à luz das experiências e anseios relatados pelos professores.

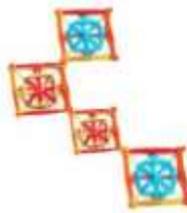
Ao analisar a produção de políticas de formação para professores vimos que: “O processo de produção de políticas de currículo para a formação de professores foi intensificado, sobretudo, a partir do período de redemocratização do país” (DIAS e LOPES, 2009, p. 80). Porém, os estudos apontam que essas políticas de Formação Continuada (FC) apresentavam um enfoque mais geral, direcionado aos professores que trabalham nos anos iniciais do Ensino Fundamental, ficando lacunas de políticas curriculares para a FC dos docentes das áreas específicas, ou seja, aqueles que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental, bem como em turmas de Ensino Médio.

Tendo por objetivo compreender que concepções apresentam, os professores de Biologia, sobre a efetivação da formação continuada advinda das políticas curriculares. Além de investigar como são construídos os sentidos compartilhados na política de currículo da formação docente que pretendem sedimentar políticas de profissionalização docente, buscamos entender como se dá a materialização da relação teoria/prática no cotidiano das escolas, pelo olhar docente.

Com o mesmo buscamos contribuir com os debates em relação à FC dos professores, trazendo também, o entendimento dos docentes para o campo dos debates, fator que consideramos pertinente e necessário. No desenvolvimento do presente estudo duas questões se apresentaram com muito destaque, são elas: a relação teoria/prática, por ser um ponto de destaque nos documentos, sendo estimulada e, de acordo com os PFD/PE, “assegurada” nos processos formativos, e em cuja fala os docentes deixam claro a distância que existe entre uma e outra no processo de ensino/aprendizagem; e, a performatividade exigida dos docentes por parte dos órgãos institucionais, como pode ser evidenciado na exigência de cumprimento de

4 Ao nos referirmos ao termo Formação Continuada, utilizaremos no decorrer do presente texto a abreviatura apresentada.

5 Ao longo do texto utilizaremos essa abreviação sempre que nos referirmos ao documento Parâmetros de Formação Docente.



metas e no alcance de índices, através da política mundialmente vigente de ranqueamento da educação, política adotada pelo Estado de Pernambuco.

É a partir de todo esse contexto de produção de políticas curriculares, em âmbito estadual, que nos detivemos em analisar a FC dos professores, destacando a relevância da relação teoria/prática, bem como trazendo ao debate a exigência da performatividade docente, contando para isso com a análise documental e a escuta dos docentes.

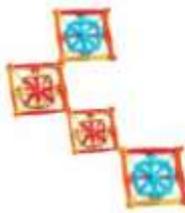
ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

O presente trabalho insere-se numa abordagem qualitativa, aquela que intenciona responder a questões de ordem subjetivas. Pois a pesquisa qualitativa trabalha com questões mais abrangentes, “[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2009, p. 21).

Ao realizar pesquisas dentro de uma perspectiva qualitativa estamos interessadas no humano e partimos do pressuposto de que o conhecimento não é algo neutro, que possa ser absorvido. Muito pelo contrário: o conhecimento é algo que é produzido pelos seres, seres esses que sempre estarão imersos numa cultura e, portanto, envoltos em um contexto histórico.

Considerando que as pesquisas de abordagem qualitativa propõem certa centralidade ao papel do pesquisador, valorizando os contextos sócio-históricos e culturais dos participantes e que também valorizam os processos em detrimento dos produtos, entendemos ser a abordagem mais adequada para a intencionalidade da pesquisa.

Trabalhamos com documentos oficiais e entrevistas, desse modo detalhamos o *corpus* documental e o *corpus* da entrevista utilizados neste trabalho à luz do que nos diz Oliveira quando bem destaca que o pesquisador precisa construir um “*corpus* que reúna elementos suficientes” e continua “para se observar as principais lógicas atuantes nessa formação discursiva em relação aos processos estudados” (OLIVEIRA, 2018, p. 189). Partindo desta intencionalidade, trabalhamos com a análise dos PFD/PE, como *corpus* documental; tendo como parte do nosso *corpus* uma entrevista semiestruturada realizada com sete docentes da área de Biologia, das três escolas participantes da pesquisa.



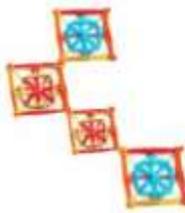
Optamos por realizar a análise dos dados a partir da AD (Análise do Discurso)⁶ que se fundamenta na necessidade de compreensão da sociedade, pois de acordo com Lee (2015) a investigação dos discursos torna-se cada vez mais necessária no intuito de compreender a sociedade e o conhecimento humano. Para tanto, analisamos os discursos acerca das políticas de FC observando o que está dito, bem como o que está silenciado; ouvindo os participantes que estão envolvidos nesse contexto e buscando traçar um panorama dos sentidos estabelecidos nessas políticas.

Ao pretender encontrar os sentidos presentes nos discursos da FC, contamos com a colaboração de homens e mulheres, professores da educação básica, com formação na área e lecionando a disciplina de Biologia; sendo sete (07) colaboradores, atuando em turmas de Ensino Médio em 03 escolas da rede Estadual no Município de Santa Cruz do Capibaribe – PE.

Um importante critério é que o professor para participar da pesquisa deveria estar na docência, no mínimo, há quatro anos. Isso, a partir das concepções de Bolívar inspirado nos estudos da concepção de Huberman (2002) que classifica em cinco fases, definidas de acordo com o tempo na docência, o processo que define a evolução profissional, sendo elas: a entrada na carreira (de 1 a 3 anos de profissão), a estabilização ou consolidação de um repertório pedagógico (de 4 a 6 anos), a diversificação (de 7 a 25 anos), a serenidade (25 a 35 anos) e o desinvestimento (de 35 a 40 anos de profissão). O período compreendido entre quatro a seis anos abrange a estabilização na carreira, pois marca a estabilização de um repertório de habilidades técnicas de base, que denota firmeza na realização do trabalho e reconhecimento da identidade profissional.

A confidencialidade e privacidade dos participantes serão mantidas conforme preconizado pela Resolução nº 510/2016, estabelecida pelo Conselho Nacional de Saúde, as informações fornecidas têm sua privacidade garantida pela pesquisadora responsável. Os participantes da pesquisa não foram e nem serão identificados, para tanto, optamos por identificar os professores como P1, P2, P3, P4, P5, P6 e P7. A pesquisa que originou o presente artigo foi submetida ao Conselho de Ética da Universidade Federal de Pernambuco, sob o processo nº 86920618.2.0000.5208 e aprovada através do Parecer 2.686.784, de 01/06/2018.

6 No decorrer do texto, utilizaremos a sigla AD sempre que nos referirmos à Análise do Discurso.



REFERENCIAL TEÓRICO

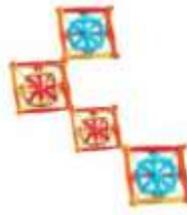
As discussões sobre a temática encontram importante aporte no artigo de autoria de Lopes e Borges (2015), que tem como tema “Formação docente, um projeto impossível”, o qual apresenta a FC como algo necessário, porém impossível em sua totalidade. O texto traz discussões a respeito de como se desenvolvem lutas político - discursivas pela significação do que vem a ser currículo, trabalhando na perspectiva de um enfoque discursivo e pós-estruturalista. Apresentando quatro teses interconectadas, que são: formação docente como algo impossível, formação docente como algo necessário, essa necessidade de formação vinculada ao projeto de mudar o mundo e, por fim, o desafio da mudança e as responsabilidades inerentes a esse desafio, postas para professores formadores, pesquisadores e professores nas escolas.

Compartilhamos com as autoras a compreensão de que a formação docente é algo que precisa ser buscado, é responsabilidade nossa enquanto docentes, nas escolas, pesquisadores e formadores, mas não compete apenas aos docentes, sendo também responsabilidade das redes aos quais os mesmos estão vinculados. Destacando que nossas ações são políticas e que podemos através dessas ações dar continuidade ao projeto de “mudar o mundo”.

Na busca pelos sentidos presentes nos documentos oficiais que regem a FC, procedemos com o mapeamento do *corpus* documental, considerando importante observar o que dizem os textos, bem como o que dizem os silêncios presentes no referido documento, pois segundo Orlandi (2007) “O silêncio não é o vazio, ou o sem-sentido; ao contrário, ele é o indício de uma instância significativa”. E continua dizendo que: “O silêncio de que falamos é o que instala o limiar do sentido” (ORLANDI, 2007, p. 68).

Procedendo à análise documental, destacamos os PFD/PE, documento publicado no ano de 2014, se apresenta como um documento inovador, visto que intenciona fazer a junção entre os PCNs/PE e os PFD/PE, ou seja, o “que ensinar” junto ao “como ensinar”. Destacando a formação em serviço como uma tarefa árdua e complexa, porém sendo um desafio que propicia grandes avanços para a educação pernambucana.

Ao tratar da FC o documento silencia no que diz respeito a questão humana dos docentes, dando enfoque a capacidade técnica do professor e uma escassez de propostas voltadas ao desenvolvimento humano com foco, por exemplo, na inteligência emocional desses profissionais. Essa necessidade é evidente quando nos deparamos com a afirmação de Charlot



“...a redução da educação ao estatuto de mercadoria resultante do neoliberalismo ameaça o homem em seu universalismo humano, em sua diferença cultural e em sua construção como sujeito” (CHARLOT, 2005, p. 143); ressaltando que é necessário levar em consideração o sujeito na sua singularidade, observando sua história e atividades que ele realiza; aborda também a importância da relação teoria/prática, mencionando a necessidade da mesma nos processos de FC, porém não explicita em quais contextos isso ocorrerá.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O cotidiano profissional dos professores e a proximidade com as suas lutas diárias já proporcionam um campo bastante amplo para o estabelecimento de análises; porém, a possibilidade de aproximação com a realidade de profissionais tão singulares, que enfrentam o cotidiano de sala de aula em escolas da rede Estadual, no interior da Agreste pernambucano proporcionou um fortalecimento a pesquisa, em virtude dos novos conhecimentos e da possibilidade de conhecimento do universo desses profissionais.

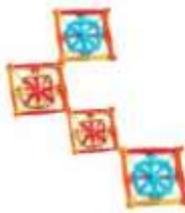
Ao proceder com as entrevistas buscamos encontrar respostas que atendessem aos objetivos, que se voltavam a compreender que concepções apresentam, os professores de Biologia, sobre a efetivação da formação continuada advinda das políticas curriculares. Investigar como são construídos os sentidos compartilhados na política de currículo da formação docente que pretendem sedimentar essas políticas de profissionalização e como se dá a materialização da relação teoria/prática no cotidiano das escolas, pelo olhar docente.

As entrevistas contaram com dois blocos de questões, sendo as cinco primeiras pensadas para o estabelecimento de um mapeamento dos entrevistados e, o segundo bloco com oito questões, essas, referentes ao trabalho e a formação docente. Após a realização das entrevistas e a transcrição das respostas às questões formuladas, procedemos a análise, neste artigo, de duas categorias: formação continuada e a relação teoria X prática e, performatividade docente – uma realidade.

A seguir, no quadro 1, é possível ter um mapeamento dos colaboradores da pesquisa;

QUADRO 1. Mapeamento dos entrevistados

Idade	Formação Acadêmica	Titularidade	Disciplinas que leciona	Experiência na Docência /Anos
-------	--------------------	--------------	-------------------------	-------------------------------



20 a 30: 02	Licenciatura Ciências Biológicas	Graduado 01 Especialista 01	Biologia/Química 01 Biologia 01	Entre 06 e 10 anos – 02
31 a 40: 04	Licenciatura Ciências Biológicas	Especialista 02 Mestres 02	Biologia 04	Até 05 : 01 Entre 06 e 10: 01 Entre 11 e 15: 02
41 a 50: 01	Licenciatura em Ciências Biológicas	Especialista 01	Biologia 01	Mais de 15 01

Fonte: A Autora (2019)

A partir da organização do perfil constatamos que a predominância de faixa etária entre os entrevistados é entre 31 e 40 anos; a formação acadêmica de todos é em Licenciatura em Ciências Biológicas, sendo um graduado, três especialistas e dois mestres. Dos sete entrevistados seis lecionam apenas a disciplina de biologia e um leciona biologia e química.

Os dados acerca da experiência na função docente nos mostram que os professores, em sua maioria, têm no mínimo seis anos de experiência no exercício do magistério superior, não podendo, portanto, ser considerados iniciantes, já contando com uma experiência significativa, a partir do que nos diz Bolívar acerca dos estudos da concepção teórica de Huberman (2002). Esse período é compreendido como aquele que traz segurança no trabalho.

Vejamos a seguir a análise dos dados em duas categorias de análise.

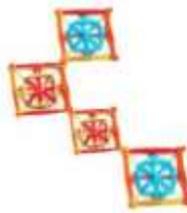
Relação teoria/prática

Ao serem questionados a respeito da junção teoria e prática nos processos formativos, aspecto bastante destacado nas entrevistas, trazemos a fala do Professor P1, que discorreu sobre o que o motiva a participar de cursos e formações:

...Desde que a escola abriu não teve formação pra gente entender como funcionam alguns materiais do laboratório-, então nessa formação eu acreditei que a gente poderia ver como utilizar. Mas, infelizmente era a nível geral e não direcionada as escolas com laboratório (P1, jul. 2018, grifo nosso).

O mesmo, ao ser questionado sobre como seria a formação continuada considerada ideal, respondeu: **“Gostaria que unisse a parte teórica com a parte prática”** (P1, Jul. 2018).

Na mesma perspectiva, o professor P5 respondeu da seguinte forma: **“[...] um curso de laboratório**, já que a escola possui um laboratório, mas só que não temos curso nenhum para que possamos utilizá-lo, **então o laboratório está sendo em vão”** (P2, jul. 2018, grifo nosso).



Em suas respostas, atribuem significativa importância à junção entre teoria e prática, sendo o laboratório o *locus* privilegiado desse fazer. O ensino de Biologia tem, entre outras funções, a importante função de contribuir para que o estudante: “além de compreender os conceitos básicos da disciplina, seja capaz de pensar independentemente, adquirir e avaliar informações, aplicando seus conhecimentos na vida diária” (KRASILCHIK, 2008, p.12). Os documentos oficiais, entrevistados e autores da área consideram a junção entre teoria e prática imprescindíveis e atestam que não vem ocorrendo de forma satisfatória.

Discorreram sobre a contribuição para a sua prática enquanto professor de Biologia:

Os cursos, de uma certa forma, colaboram sim com a prática, **só que você ainda sente uma carência, que eles poderiam ser mais elaborados**. A biologia é uma área muito ampla e tem muita coisa, então a formação deveria visar muito isso (P1, jul. 2018, grifo nosso).

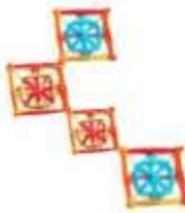
Cabe aqui destacar, em relação à junção teoria-prática, que é necessário que as atividades práticas sejam realizadas em conjunto com um trabalho teórico anterior ou posterior. Comumente, as aulas de Ciências e Biologia são cercadas de muita expectativa e interesse por parte dos alunos. Há uma motivação natural por aulas dirigidas, pelo interesse nos desafios e na investigação (BIZZO, 2002).

Numa perspectiva mais ampla, compreendendo a importância da prática associada a teoria, destacamos a amplitude da área da Biologia a partir dos relatos do Professor P2:

O professor de Biologia não tem uma área específica, **a Biologia é muito ampla**. Ultimamente até em situações que nem seriam na área de Biologia, seria bastante importante que houvesse formação; a formação de professor é um todo. **A gente não só dá aula de conteúdo, tem a questão de experiência de vida mesmo que contribui muito para com os nossos alunos** (P2, jul. 2018, grifo nosso).

Pensando a relação teoria/prática e traçando um paralelo com os discursos docentes quando se trata de analisar a necessidade de renovação no ensino de Ciências, autores que tratam da importância da realização de atividades experimentais, dizem que:

Infelizmente, as escassas práticas escolares de laboratório escamoteiam aos estudantes toda a riqueza do trabalho experimental, dado que representa montagens já elaboradas, para seu simples manuseamento seguindo guias do tipo “receita de cozinha” (CACHAPUZ *et al.*, 2005, p.47-48).



Nesse contexto, compreendemos as angústias dos docentes, bem como suas reivindicações quanto ao uso de laboratórios e o manuseio de equipamentos, ou uma formação “mais elaborada”, pois dispor de um laboratório na escola, significa a possibilidade de tornar as aulas mais dinâmicas, significativas e ricas em conhecimento. Porém, dispor desses laboratórios e não ter habilidade para utilizá-lo por falta de formação adequada é angustiante.

Performatividade docente – uma realidade

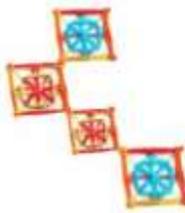
O trabalho docente transita no campo das incertezas, é o planejamento que você não sabe se será possível executar, é a aula que prepara e não sabe se interessará aos discentes, é inclusive a abertura para discorrer sobre assuntos diversos, que não se sabe se será possível, quicá como será interpretado.

Ao questionarmos se os cursos oferecidos pela rede atenderiam as necessidades da docência, P1, em sua resposta deixa transparecer que percebe como foco das formações continuadas os resultados alcançados pelos alunos e pela escola, sendo negligenciadas as especificidades por área e obtendo grande relevância a performatividade e a meritocracia.

Desde que eu entrei na rede estadual eu participei de poucas formações, **até porque na nossa área não tem tantas formações**. Participei de uma formação na área desde que ingressei na rede. Outras formações foram acontecendo, porém **nessas formações se visa muito questões de dados, de notas obtidas pelos alunos. Eu penso que precisa trabalhar mais o professor, a questão humana**, para poder também se melhorar aqueles dados (P1, jul. 2018, grifo nosso).

A obra de Flores (2011) relacionada a pesquisa realizada em escolas portuguesas, destaca a prestação de contas e a agenda da performatividade como fortes tendências no modo de estar e de viver da profissão docente: “As agendas das reformas educativas introduziram novas formas de controlo e de prestação de contas nas escolas no sentido de regular e monitorar o seu trabalho” (FLORES, 2011, p. 171). O que nos leva ao entendimento que no Brasil as políticas educacionais têm seguido o exemplo das políticas internacionais para a educação.

Continuando, Flores enfatiza ainda que “os discursos e as exigências de prestação de contas e, conseqüentemente, da performatividade, dominam o setor educativo no sentido de tornar mais visível o trabalho das escolas e dos docentes” (FLORES, 2011, p. 171). Sendo justamente essa exigência de prestação de contas, esse silenciamento em relação ao humano,



que angustia e provoca insatisfação nos docentes, pois a fala de P1 não nos deixa dúvidas: **“Eu penso que precisa trabalhar mais o professor, a questão humana”** (P1, Jul, 2018).

O professor P3 destaca a importância da observância das suas singularidades, destacando a necessidade de organização e planejamento das atividades formativas, pois seu discurso nos leva a crer que o mesmo tem vivenciado formações cujo planejamento e organização deixam a desejar. Aqui o silêncio não se faz presente. Os professores questionam apontando os pontos frágeis e indicando os caminhos para a melhora desse processo.

Eu entendo a FC como um processo, inicialmente de forma geral e **depois de forma específica** e essa especificidade não deve ser feita de uma hora para outra, mas tem que ser uma coisa planejada. **Porque projeto é uma coisa planejada, não é feito assim de uma hora para outra, sem programação.** (P3, Jul, 2018, grifo nosso).

Um fator que alguns docentes destacaram e que trazemos na fala de P4, é em relação aos “reais” objetivos das FC ofertadas pela rede estadual. Como relata a seguir;

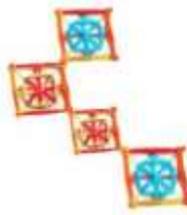
Nossos superiores, **eles se preocupam muito com dados**, infelizmente **o que a gente vê nas escolas são muitos outros problemas que não chegam nem perto de dados.** A assistência que nos é dada para lidar com esses jovens cheios de conflitos, crianças, adolescentes que passam por dificuldades e essas dificuldades atrapalham a construção do conhecimento. **Eu acredito que a gente precisaria de apoio, mas não no sentido somente do conteúdo.** (P4, Jul, 2018, grifo nosso).

Flores (2011) são tratar sobre performatividade e gerencialismo, diz que a visão do professor enquanto técnico e executor que deve ser gerido, no lugar de um profissional que toma decisões e usa o juízo discricionário em seu trabalho, tem sido enfatizada pelos sistemas de eficiência e prestação de contas. Isso, na Europa, porém o mesmo ocorre no Brasil.

Os docentes clamam por formação que vá além dos conteúdos, apontam a sala de aula é um espaço relacional, a exemplo de Charlot (2005) que diz que aprender envolve os sujeitos em relação e essa relação não se dá apenas com os conteúdos. Basear-se nos resultados dos alunos em exames externos, descentrando-se do olhar para as escolas, seus atores e as dificuldades na construção do conhecimento não trazem contribuições relevantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo nos detivemos ao estudo dos PFD/PE, documento que vigora em parceria com os Parâmetros Curriculares do Estado de Pernambuco, com os Parâmetros em



sala de aula e com os padrões de desempenho dos estudantes. Esse conjunto de documentos se configuram como a base norteadora da educação no Estado de Pernambuco.

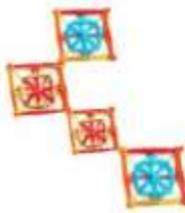
Os PFD/PE não fogem aos padrões das políticas curriculares que se baseiam na burocratização, performatividade e meritocracia. Como grande indicador disso, temos “Padrões de Desempenho”, aos quais a formação docente está intimamente ligada, pois nos próprios PFD/PE, na página 35, há a indicação de que a formação deve se dar de forma integrada com a avaliação dos estudantes e com os índices de proficiência construídos nos Padrões de desempenho.

Na fala dos docentes, há destaques com a preocupação com os “dados” e “resultados”, bem como relatam o esquecimento de questões que consideram relevantes e de fundamental importância para os processos de ensino e aprendizagem, é o que se chama de “eficientismo social” que se concretiza na submissão da educação ao mundo produtivo, de acordo com Lopes (2004).

O monitoramento do trabalho docente e a incisiva “atenção” direcionada ao desempenho dos docentes e discentes, ênfase destacada pelos colaboradores, pode ser constatada através da existência do “Sistema de monitoramento e avaliação”. “Processos de performatividade reduzem o trabalho dos professores ao que eles podem produzir apenas no contexto da eficiência e da eficácia do ensino” dizem (DIAS e PONCE, 2015, p. 612).

No documento analisado, há um enfoque na responsabilização docente acerca dos resultados e desempenho dos discentes, bem como da escola; destaque para a relação teoria/prática, com enfoque na avaliação como indicadora da qualidade da educação; a meritocracia, performatividade e burocratização são questões presentes; sendo que a prestação de contas por parte da escola e, em especial, por parte dos docentes é algo real e que aos poucos vem sendo sedimentado como natural.

Diante de tudo o que foi ora apresentado, resta-nos a esperança de que haja, por parte de todos, docentes, poder público e a sociedade como um todo, reflexões e ações no sentido de fortalecer a profissão docente, que as medidas que propõem “controlar” a nossa atuação, sejam podadas, para que não cresçam e frutifiquem transformando-se em ações de desestabilização dos docentes e, conseqüentemente, provocando maiores danos à educação brasileira.



REFERÊNCIAS

BIZZO, N. Ciências: fácil ou difícil. São Paulo: **Ática**, 2002.

BOLÍVAR, A. (Org.). Profissão Professor: O itinerário profissional e a construção da escola. Bauru, SP: **EDUSC**, P. 53-59, 2002.

CACHAPUZ, A. *et al.* (Organizadores). A NECESSÁRIA RENOVAÇÃO DO ENSINO DAS CIÊNCIAS. São Paulo: **Cortez**, 2005.

CHARLOT, B. Relação com o saber, Formação de Professores e Globalização: questões para a educação hoje. 1ªed. Porto Alegre: **ARTMED**, 2005.

DIAS, R. E., LOPES, A. C. Sentidos da prática nas políticas de currículo para a formação de professores **Currículo sem Fronteiras**, V.9, N.2, P.79-99, 2009b. Disponível em <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol9iss2articles/dias-lobes.pdf>>. Disponível em Acesso em: Jun. 2018.

DIAS, R. E; PONCE, B. J. FORMAÇÃO DOCENTE FRENTE ÀS POLÍTICAS NO CENÁRIO DECENTRALIZAÇÃO CURRICULAR. Revista e-Curriculum, 2015, 13(4), 612-615. ISSN: 1809-3876. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=76643232002> Acesso em: Jul 2018.

KRASILCHIK, M. Prática de ensino de Biologia. 4 ed. São Paulo: **Editora Universidade de São Paulo**, 2008.

LOPES, A. C; Políticas curriculares: continuidade ou mudança de rumos. In: Revista Brasileira de Educação. N 26, P. 109-118. Maio/Jun/Jul/Ago, 2004.

LOPES, A. C; BORGES, V. Formação Docente, Um Projeto Impossível. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, V. 45, N. 157, P. 486 - 507, 2015.

LOPES, A. C; OLIVEIRA, A. L.A. R. M; OLIVEIRA, G. G. de S. A TEORIA DO DISCURSO NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO. Recife: **Ed. UFPE**, 2018.

FLORES, M. A. Tendências e tensões no trabalho docente. Reflexões a partir da voz dos professores. **Perspectiva [online]**. 2011, V.29, n. 01, P. 161-191 Disponível em<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/2175795X.2011v29n1p161/19416>>. Acesso em: jul. 2018.

MINAYO, M. C. S. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: **Vozes**, 2009.

OLIVEIRA, G. G. Provocações para aguçar a imaginação/invenção analítica: aproximações entre a teoria política do discurso e análise do discurso em educação. In LOPES, A. C; OLIVEIRA, A. L.A. R. M; OLIVEIRA, G. G. de S. A TEORIA DO DISCURSO NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO. Recife: **Ed. UFPE**, 2018.

ORLANDI, E. P. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. 6 ed. Campinas: **Editora da Unicamp**, 2007.